

Prospectiva (Frutal-MG).

Livro-reportagem: diário sobre uma experiência Azeri.

Ulisses Lisboa Gonçalves.

Cita: Ulisses Lisboa Gonçalves (2016). *Livro-reportagem: diário sobre uma experiência Azeri*. Frutal-MG: Prospectiva.

Dirección estable:

<https://www.aacademica.org/editora.prospectiva.oficial/45>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.

Para ver una copia de esta licencia, visite

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <http://www.aacademica.org>.

Ulisses Lisboa Gonçalves



Livro-reportagem: diário sobre uma experiência Azeri



Ulisses Lisboa Gonçalves

Livro-reportagem: diário sobre uma experiência
Azeri

Frutal-MG
Editora Prospectiva
2016

Copyright 2016 by Ulisses Lisboa Gonçalves

Capa: Editora Prospectiva

Foto de capa: acervo do autor

Revisão: O autor.

Edição: Editora Prospectiva

Editor: Otávio Luiz Machado

Assistente de edição: Jéssica Caetano

Conselho Editorial: Antenor Rodrigues Barbosa Jr, Flávio Ribeiro da Costa, Otávio Luiz Machado e Rodrigo Portari.

Contato da editora: editorapropectiva@gmail.com

Página: <https://www.facebook.com/editorapropectiva/>

Telefone: (34) 99777-3102

Correspondência: Caixa Postal 25 – 38200-000 Frutal-MG

Gonçalves, Ulisses Lisboa.

Livro-reportagem: diário sobre uma experiência Azeri. Frutal: Prospectiva, 2016.

ISBN: 978-85-5864-057-2

1. Livro-reportagem. 2. Jornalismo Literário. 3. Azerbaijão. I. Gonçalves, Ulisses Lisboa. II. Universidade do Estado de Minas Gerais. III. Título.

Dedico ao Azerbaijão, um país fantástico que me ensinou de perto como amar a diversidade cultural do universo.

AGRADECIMENTOS

À família: o agradecimento mais incondicional. As pessoas mais importantes do universo que sempre me apoiaram e se orgulharam imensamente ao me ver embarcando rumo ao Azerbaijão.

Ao conhecimento: a universidade que me fez evoluir enquanto estudante, enquanto jornalista, enquanto ser humano.

Aos docentes: imensa gratidão pelos ensinamentos que hoje me tornaram preparado para os desafios da vida.

À orientadora Karol Natasha Castanheira: agradeço pela paciência e apoio durante a jornada árdua de escrever ao mesmo tempo um livro-reportagem e um relatório técnico em pouco tempo.

Ao Ministério da Juventude e Esporte da República do Azerbaijão: por proporcionar uma das experiências mais incríveis que tive nesses vinte e dois anos de vida.

À Embaixada do Azerbaijão no Brasil: pelo suporte antes, durante e após a viagem ao Azerbaijão, além da disponibilidade de sempre ajudar.

Voar: a eterna inveja e frustração que o homem carrega no peito a cada vez que vê um pássaro no céu. Aprendemos a fazer um milhão de coisas, mas voar... Voar a vida não deixou. Talvez por saber que nós, humanos, aprendemos a pertencer demais aos lugares e às pessoas. E que, neste caso, poder voar nos causaria crises difíceis de suportar, entre a tentação de ir e a necessidade de ficar.

Ruth Manus

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
------------------------	-----------

1 AZERBAIJÃO: A PLURALIDADE HISTÓRICA E CULTURAL.....	14
--	-----------

1.1 A Terra do Fogo.....	16
1.2 Multiplicidade Cultural Azeri.....	23
1.3 Acervo multi-étnico: Os movimentos artísticos.....	25

2 RELATOS E DETALHES: O LIVRO-REPORTAGEM.....	34
--	-----------

2.1 Livro-reportagem, conceito e características.....	36
2.2 O jornalismo literário no cenário jornalístico.....	40

3 O PRODUTO.....	50
-------------------------	-----------

3.1 Planejamento gráfico.....	51
3.2 Planejamento editorial.....	52
3.3 Orçamento.....	53

3.4 Tiragem.....	53
3.5 Metodologia.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59

Introdução

O tema deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) inicia-se a partir do concurso de redação “O que eu sei sobre o Azerbaijão?” organizado pelo Ministério da Juventude e do Esporte da República do Azerbaijão e a embaixada do Azerbaijão na República Federativa do Brasil, uma competição que seleciona os melhores textos sobre o Azerbaijão e contempla os ganhadores com uma viagem cultural e educativa de duas semanas para o país.

A oportunidade empírica fez com que o tema fosse além das buscas e curiosidades de um aluno de Jornalismo. Diante disso, surgiu a ideia de expandir essa experiência no âmbito acadêmico como pesquisador. O intercâmbio cultural neste país proporcionou aos ganhadores do concurso a visitação de lugares tradicionais, museus, centros históricos, mesquitas, sinagogas, igrejas ortodoxas russas e cidades do interior. A partir dessas ocasiões, foi possível ter um entendimento melhor sobre a cultura azeri e o contato com a população local.

O Azerbaijão, ou mais conhecido em sua região como a Terra do Fogo – por ter uma exclusiva geologia com depósitos de gás natural que brotam do

solo – está localizado próximo ao mar Cáspio entre a Ásia e a Europa, por isso é considerado um país transcontinental. Além disso, é uma ex-república soviética e tem uma diversidade cultural bastante expansiva, como as inúmeras referências de outras civilizações que o colonizaram, como turcos, árabes, mongóis, persas, russos, bolcheviques, otomanos e iranianos.

O acervo fotográfico e a vivência no Azerbaijão levaram a produção do livro-reportagem, que por meio do gênero literário permitiu intensificar o conteúdo pelas descrições detalhistas que compõem a estética da obra. A descrição da viagem merece um espaço maior e aprofundado que são características do livro-reportagem, como é relatado por Lima (2004, p.39).

O livro tem como função informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo no cenário Azerbaijão.

O conteúdo está disposto no livro-reportagem em ordem cronológica, como a estruturação de um

diário que relata os acontecimentos de uma experiência azeri de duas semanas. A integração com as delegações de outros países, os eventos organizados pelo Ministério do Esporte e Juventude do Azerbaijão, a recepção, as impressões de um país asiático, as barreiras linguísticas de comunicação – a língua inglesa, a língua azerbaijanesa e a língua portuguesa, os costumes, e todas as outras situações que ocorreram durante o intercâmbio também foram abordados.

A produção deste livro-reportagem foi composta a partir da perspectiva do *Novo Jornalismo*, que possibilita a produção de conteúdos com maior descrição dos fatos. Um exemplo disso é o sucesso do livro *A Sangue Frio* de Truman Capote – um livro escrito de forma literária que conta o assassinato de uma família nos Estados Unidos que foi real e chocou o mundo na época.

A presença deste trabalho no âmbito da UEMG-Unidade de Frutal é pertinente pelo fato de que o acervo de trabalhos de conclusão de curso da universidade não possui nenhum exemplar desta natureza, o que torna mais relevante a confecção deste TCC que certamente possibilitará o incentivo aos alunos do curso a se envolverem com este campo do jornalismo, o livro-reportagem.

Outro fator importante é que a academia brasileira e o mercado jornalístico, pelo que pode ser verificado por meio de uma breve pesquisa exploratória, possuem poucos trabalhos sobre o Azerbaijão. Portanto, este livro-reportagem preencherá as lacunas vazias tanto no âmbito acadêmico quanto mercadológico.

Como método de coleta de dados foram pesquisadas fontes (não) oficiais e pesquisadores que falam sobre o Azerbaijão. Por se tratar de um trabalho que adota uma abordagem humanística e literária foi necessário recorrer a métodos envoltos com a perspectiva da pesquisa qualitativa¹ (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Dentre eles, optou-se pela etnografia, por entender que ela possui o suporte necessário para se alcançar o objetivo central deste TCC: a produção de um livro-reportagem a partir de uma experiência Azeri.

O método etnográfico foca os seus estudos na cultura e tem ligação direta com as sociedades

¹ A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de matérias empíricas - estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produção culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais. [...]. Entende-se, contudo, que cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo. Logo, geralmente existe um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

humanas, além disso, também aborda a observação das culturas localizadas. Espera-se, portanto, instigar e informar o leitor a conhecer uma nova cultura.

1 AZERBAIJÃO: A PLURALIDADE HISTÓRICA E CULTURAL

Existe um lugar no mundo que une os mais diversos períodos históricos num ambiente só: O contemporâneo e o clássico. É esta uma das características do Azerbaijão. Localizado próximo ao mar Cáspio e ex-república soviética. A diversidade histórica e cultural encontrada nesse país pode ser explicada por sua idade, pois é uma das nações mais antigas da história mundial. Pode-se considerar que este país é o berço da humanidade provado pelas descobertas nas escavações realizadas na caverna de Azykh – localizada na encosta sudeste do Garabakh – que provam que o Azerbaijão foi um habitat dos seres humanos primitivos mais antigos. As imagens e gravuras nas rochas de Qobustan e Gemiqaya, bem como os artefatos da cultura material demonstram que até mesmo milhares de anos antes da era cristã, o Azerbaijão possuía uma ampla e desenvolvida cultura e uma civilização avançada como é relatado por Mahmudlu (2005, p.13):

O Azerbaijão foi uma das habitações mais antigas da humanidade desde o período

Paleolítico. O povo do Azerbaijão deu início a reprodução de uma antiga e elaborada cultura a partir daquela época. Eles tornaram-se proprietários da era Mesolítica e Neolítica e começaram a cultivar uma vida sedentária cuidando do solo e engajando-se em diferentes ofícios e artesanatos.²

Segundo Clifton (2005), o censo de 1989 mostra que o Azerbaijão abrange uma área de 86.600 quilômetros quadrados e a sua população foi estimada em 7.855.576 pessoas. Devido as colonizações que ocorreram em seu processo de expansão, 82,7% de seu povo é azeri e o restante são espalhados entre ascendências russas, turcas, árabes, georgianas e outras.

A região do Cáucaso, onde está o Azerbaijão, passou por diversos conflitos e não deve ser visualizada como portadora de uma cultura ou costumes homogêneos. Segundo Mahmudlu (2005), inicia-se, então, pela dominação dos sucessores de Maomé no século IX e a presença dos persas, os quais tinham domínios ali desde o século II a. C. Os mongóis também têm participação nos diversos

²Fragmento retirado do livro Azerbaijan: Short history of statehood publicado em língua inglesa e traduzido para a língua portuguesa.

conflitos ocorridos durante o assalto a região no século XIII. As disputas entre Bizantinos e Turcos foram significativas para a compreensão dos diversos conflitos ocorridos ali até o século XV, com a dissolução dos primeiros cristãos e a dominação de Constantinopla.

Os turcos tiveram uma relação conflituosa com reinos próximos por questões políticas, econômicas e mesmo religiosas. No século XIX, os russos passam a disputar com os turcos a região, o que levou a diversos conflitos, os quais tiveram seu ápice na Crimeia, região relativamente distante do Cáucaso, e importante para a compreensão dessa conjuntura como explicado por Bolukbasi (2013, p.34).

1.1 A TERRA DO FOGO

O Azerbaijão é conhecido como A Terra do Fogo por ter uma geologia com depósitos de gás natural, por isso é comum presenciar chamas naturais que brotam do solo. Desde o período da antiguidade, a exacerbada presença do gás, que causava explosões em suas montanhas, fez com que Azerbaijão fosse conhecido como o centro do Zoroatrismo – adoradores do fogo – que nasceu no espaço

atualmente ocupado e nomeado por Azerbaijão, há mais de três mil anos, divulgado pelo Profeta Zaratustra, que propagava o monoteísmo.

Zaratustra recomendava o entendimento dos elementos terrestres e a existência de um Deus. A palavra persa para fogo é “azer”. Assim, desde a antiguidade, a abundância de gás, que provocava explosões em suas montanhas, levou o Azerbaijão a ser conhecido como o centro do Zoroastrismo (PINTO, 2009)³

A história do Azerbaijão foi construída severamente por disputas árduas e invasões turcas, árabes, mongóis, persas, russas, bolcheviques, otomanas e iranianas. Assim como relatado anteriormente, os interesses religiosos, étnicos, nacionais e internacionais antagônicos contribuíram para tais conflitos, que desencadearam diversos pontos importantes para a construção dessa pátria. Desde o descobrimento do acervo de recursos naturais, o território era o tesouro do Cáucaso e

³Fragmento retirado do artigo “Azerbaijão – a geopolítica do romance de Ali e Nino” publicado no blog científico “MundoRama” – Centro de Estudos sobre as Relações Internacionais do Brasil Contemporâneo do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília – iREL-UnB.

chamava ainda mais a atenção dos países vizinhos. O seu processo histórico foi lapidado desde a Idade da Pedra e passou por todos os posteriores períodos, como a Era feudal, idade moderna e até a república. Após a invasão da Rússia, a terra do fogo foi integrada à União Soviética, efetivando ainda mais o seu papel no desenvolvimento mundial.

O Azerbaijão é palco de história rica e antiga e, da mesma forma que seus vizinhos no Cáucaso, tem sido cenário de batalhas há mais de um milênio. Há evidência de ocupação humana em seu território, desde a Idade da Pedra. Localizada na convergência de diferentes civilizações, a região foi invadida e disputada por grandes impérios e personagens famosos, como Alexandre o Grande, o General Romano Pompeu, o conquistador mongol Genghis Khan, e o Tsar Pedro o Grande (PINTO, 2009)⁴.

⁴ Fragmento retirado do artigo “Azerbaijão: a esquina de Dede Korkut na Rota das Sedas” publicado no blog científico “MundoRama” – Centro de Estudos sobre as Relações Internacionais do Brasil Contemporâneo do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília – iREL-UnB.

A partir de uma perspectiva histórica, o território do Azerbaijão foi habitado por grandes antepassados do atual povo azeri que fundaram as civilizações mais antigas em terras que hoje correspondem ao mar Cáspio – que banha a capital Baku – e as regiões do Golfo Pérsico. Nesse sentido, os antigos grupos étnicos da região contribuíram para o surgimento do povo do Azerbaijão e desempenhou um papel muito importante na história do sistema antigo do estado e da vida política e militar nas regiões próximas ao Oriente Médio. Esses principais traços de civilização que são vistos no Azerbaijão atual. Isto é, evidente, a partir das pesquisas acadêmicas e especialmente pelas escavações arqueológicas dentro e fora Azerbaijão, como ensinado por Sattarov (2009).

As inúmeras referências de outras civilizações e regiões tangem o desenvolvimento e o que ficou, finalmente, de forma efetiva no Azerbaijão. Os “turcos”/azeris do Irã compartilham a língua – turco azeri – e a religião xiita com os azeris do Azerbaijão. Uma região do Irã também tem o nome de Azerbaijão, e sua capital Tabriz é uma das maiores cidades do país. Visualizando por outro eixo, o Azerbaijão também se inclui na área de influência da literatura e cultura persas. Um dos maiores poetas

persas clássicos, Nizami Ganjavi (1141-1209), é natural da cidade de Ganja, no atual Azerbaijão.

Quem são, no Azerbaijão, os azeris: turcos iranianos ou iranianos turcos? Consta que, no início de formação desta nacionalidade, lá pelo Século XIV, o bom ancião Dede Kokurt ficava, em área hoje ocupada pelo país, na esquina da Rota das Sedas, e “narrando, espalhava por toda a parte” a epopéia deste povo tão antigo. A questão não tem apenas o interesse literário sobre a principal narrativa oral dos “povos turcos” – entre eles os azeris, que reverenciam a imagem de Dede Kokurt. Isto porque, o Azerbaijão, como outros novos estados que se emanciparam da União Soviética, a partir da década de 1990, enfrentam os problemas do estabelecimento de identidades nacionais viáveis e da reconstrução de suas instituições culturais e educacionais (PINTO, 2009)⁵.

⁵ Fragmento retirado do artigo “Azerbaijão: a esquina de Dede Korkut na Rota das Sedas” publicado no blog científico “MundoRama” – Centro de Estudos sobre as Relações Internacionais do Brasil Contemporâneo do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília – iREL-UnB.

A dinastia safávida, entre os séculos XVI-XVIII, teve sua origem com uma ordem religiosa mística – sufi – na cidade de Ardabil, no Azerbaijão iraniano. O atual Azerbaijão, nominalmente sob soberania persa, só entrou na zona de influência russa depois da derrota para os russos, que resultaram nos tratados de Gulistan (1813) e Turkmanchai (1828), como afirma Goltz (1998).

Segundo Van der Leeuw (1998, p.47), no século XIX, o Azerbaijão já estava em evidência no cenário internacional pela abundância de recursos naturais e os ricos campos de petróleo na capital Baku que foram abertos no século XIX atraíram países vizinhos. A partir disso, a Rússia invadiu o Azerbaijão e o país foi dividido entre uma parte para o Irã e a outra parte para a Rússia. A grande maioria das companhias de petróleo estava em mãos armênias, e muitos habitantes rurais azeris que vieram para a cidade como trabalhadores aderiram ao movimento socialista. Ainda segundo o autor, apesar de solidariedade internacional entre os trabalhadores durante as greves (1903-1914), a tensão entre os trabalhadores armênios e azeris – como os azerbaijaneses exercendo as piores funções e recebendo salários inferiores aos demais – foi se intensificando cada vez mais e acarretou em um

conflito sério entre azeris e armênios no período de 1905 a 1918.

Em Maio de 1918, como explicado por Bolukbasi (2013), a República Independente do Azerbaijão (RIA) foi constituída e estabilizada. Entretanto, passado alguns anos, o exército vermelho invadiu Baku, a RIA entrou em colapso e foi levada ao fim devido à agressão militar russa no Norte Azerbaijão. Em 1922 o Azerbaijão tornou-se oficialmente parte da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Após a ocupação, a Rússia imediatamente começou a destruir o sistema de gestão do estado independente criado pela República Popular do Azerbaijão. Todas as autoridades do país foram entregues diretamente para o Comitê Revolucionário Provisório e do Conselho Popular de Comissários do Azerbaijão.

Em novembro de 1991, o Azerbaijão recuperou a sua independência e instituiu a sua primeira Constituição em novembro de 1995, como explicado pelo estudioso Sattarov (2009, p.109).

A representação histórica e internacional por azerbaijaneses nos dias atuais se intensificou com os reflexos geográficos e históricos neste contexto. Exemplo disso é Ali Khamenei, azeri iraniano –

nomenclatura dada aos iranianos de etnia azeri, localizados no Azerbaijão Oriental. Khamenei, ex-presidente do Irã participou de momentos decisivos em seu governo e, demonstrando que sua representatividade foi de extrema importância, foi nomeado pela Forbes – revista americana de negócios e economia – na lista das 21 pessoas mais poderosas do mundo.

1.2 MULTIPLICIDADE CULTURAL AZERI

De acordo com os apontamentos de Lacerda (2015, mimeo)⁶, os azeris criaram uma cultura rica e distintiva, a maior parte da qual é decorativa e de arte aplicada. Essa forma enraizada na antiguidade é representada por uma grande variedade de artesanato, como a gravura em metal, escultura em madeira, pedrarias, tapeçaria, tecelagem, tricô e bordado.

A pluralidade cultural do Azerbaijão está presente desde os movimentos artísticos até a estética arquitetônica do país. Em sua região, há diversos labirintos de ruas com aspectos que mesclam o

⁶ Reportagem “Azerbaijão: A história multicultural da Terra do Fogo” vencedora da terceira edição do concurso de redação “O que eu sei sobre o Azerbaijão?”.

antigo e o novo. Na capital Baku, é possível observar o contraste arquitetônico como ruas históricas e clássicas. Do outro lado, há um museu num formato moderno e futurista – mais conhecido como Centro Cultural Heydar Aliyev.

As características místicas desse país se entrelaçam com a sua história, a música, a religião, a arte, a arquitetura, a literatura e a dança azerbaijana reforçando sempre a ideia de pluralidade e multidisciplinaridade. As artes populares azerbaijanas moldaram a sua própria história e estabeleceu uma cultura nacional e independente ao longo da construção de suas experiências artísticas e diante de seus completos recursos naturais.

Segundo Mahmudlu (2005), a cultura é considerada ornamental, pois possui um enorme leque de espécies artísticas, como as artes decorativas – que remetem ao período paleolítico – linguagens visuais, pinturas rupestres, gravuras, artesanato – utensílios de cobre, apetrechos e louças – e tapetes. A tapeçaria tem um papel fundamental nesse contexto, pois traduz a historicidade desse povo registrada em linhas que recontam seus percursos. Os primeiros tapetes surgiram na idade do Bronze e foram se desenvolvendo sem perder a

originalidade e até hoje são bastante representativos no Azerbaijão em sua cultura artesanal.

1.3 ACERVO MULTI-ÉTNICO: OS MOVIMENTOS ARTÍSTICOS

A multiplicidade artesanal do Azerbaijão possui um leque de identidades, características e modalidades. Os tapetes azeris, por exemplo, rompem fronteiras e percorrem o mundo, pois levam com eles as gravuras de suas trajetórias e guerras. Nesse sentido, o país tem um grande número de tapeceiros que colocam em prática todos os dias as suas habilidades artísticas. Conhecido como o gênio da tapeçaria, Latif Karimov, dedicou a sua vida inteira a esta arte. Desde pequeno, auxiliava a sua mãe na tessitura de tapetes. O mestre da tapeçaria foi e é referência não só nacionalmente, também mundialmente quando o assunto é decorar, colecionar ou criar um acervo com a arte azerbaijana de tapetes.

Karimov é merecidamente considerado o fundador da arte de tapeçaria azerbaijanesa. Ele salientou o eterno valor da arte de tapeçaria, sua profunda e antiga conexão com a

cultura azerbaijanesa. Karimov traçou as principais direções da arte da tapeçaria, enfatizou suas estilísticas características, explicitamente classificou materiais e técnicas (TAGIYEVA, 2013, p.56).

Além disso, após os seus tapetes romperem limites e viajarem para diversos lugares do mundo, Karimov propôs a construção de um museu do tapete que concentrasse toda herança da tapeçaria azerbaijanesa num lugar só. Em 1967 o projeto tornou-se realidade em Baku e foi inaugurado o Museu Nacional de Tapetes do Azerbaijão.

Já as canções tradicionais azerbaijanas se baseiam em tradições populares com referências de quase mil anos. Desde muito tempo a música evoluiu consideradamente resultando em ritmos diversificados e exóticos. As composições possuem inúmeras modalidades de instrumentos musicais tradicionais do Cáucaso como Chonguri, Kamancha, Ghaval, Tar, Duduk, Ney, Saz e O ud ou Oud – variados entre sopro, corda, arco e pandeirão.

As músicas azeris são plurais por utilizarem instrumentos de diversos períodos históricos e o toque regional dá estética às melodias azerbaijanas. Uma modalidade musical é o Ethno Jazz, que

consiste em unir referências locais com a linguagem jazzística, incorporando elementos tradicionais e eruditos.

O Mugham é outro gênero bastante tradicional, arte musical que surgiu no Azerbaijão com a junção das correntes árabe, persa, bizantina que remetem ao século XI. Esse período foi marcado pelo Renascimento Oriental e num intervalo em que a cultura azerbaijana passou a demonstrar suas habilidades literárias, filosóficas e arquitetônicas.

As atuações contemporâneas do Mugham, no Azerbaijão, consistem em diferentes períodos da história regional. Essa arte musical baseia-se nas poesias tradicionais e contos regionais. Nessa performance, a carga emocional é tão importante quanto a técnica vocal, pois é necessário que a pessoa transforme a sua emoção em música, como se fosse uma improvisação.

O Mugham é apreciado também pela sua fluidez e liberdade formal, que o afasta da música típica da Ásia Central dos países vizinhos ao Azerbaijão e o aproxima dos gêneros ocidentais como o jazz. Além da importância musical, o gênero destaca-se pelos temas trazidos da tradição oral. Estes estão

presentes nas canções e advêm desde a Idade Média (DEVIÁ, 2014, p.26).

Esse movimento cultural é tão forte que o país possui o Mugham Centro Internacional do Azerbaijão, na capital Baku (Mugham Center), um espaço dedicado à música e à arte, com o intuito de fomentar, preservar e popularizar ainda mais essa modalidade musical.

Após ser amparada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o vínculo cultural com a instituição só cresceu e cresce até hoje. Inclusive, a arte do Mugham foi classificada pela própria UNESCO como obra-prima da herança oral e imaterial da humanidade.

Já a história do folclore, como a criatividade poética oral do povo azeri, reconta desde os tempos mais primórdios da história azerbaijana os acontecimentos e crenças das pessoas no território do Azerbaijão. Inclusive, ainda podem-se encontrar amostras do folclore nacional e referências às experiências mitológicas na literatura clássica.

É possível identificar os traços do folclore azeri em elementos de mitos místicos e sazonais que são incorporados nos contos. Esses elementos

míticos consistem em um pensamento artístico de formação primária da sociedade humana, como a reflexão dos cosmos e das significações do ser humano, ou seja, a ideia da criação da vida, o fim da vida, a desordem e o reflexo de tudo isso na sociedade humana.

De acordo com Swietochowski (1985), o folclore no azerbaijanês contribuiu bastante para a consolidação da literatura no país. A literatura clássica no Azerbaijão surgiu no século XIV com base em vários dialetos durante a Idade Média. Entre os poetas deste período foram Gazi Burhanaddin, Haqiqi, Habibi e Nesimi, um dos maiores poetas místicos turcos e um dos maiores mestres no início da história literária turca, que também compôs poesias pérsicas e árabes – que são importantes na compreensão do cenário azerbaijano naquele período.

A literatura azeri floresceu no século XVI com o desenvolvimento de poesia Ashik, um gênero poético dos bardos do Azerbaijão. A literatura deste período não foi apenas no Azerbaijão, árabe e persa também. Com o uso de outras línguas em seu território literário, o Azerbaijão passou a compartilhar semelhanças com outras linguagens, como a da Turquia.

Por volta do século XIX, a literatura do Azerbaijão foi profundamente influenciada pela Rússia como resultado das guerras com a Pérsia. Isto continuou até o século XX, quando o Azerbaijão, mais uma vez encontrou-se ocupado nas mãos da Rússia, desta vez sob a influência da União Soviética, como relatado por Swietochowski (1985).

Na década de 1930 muitos escritores e intelectuais da região foram forçados a se tornarem porta-vozes da propaganda soviética. Por essa razão o autor de um dos mais famosos produtos literários do Azerbaijão é um grande mistério até os dias de hoje. O nome da obra é Ali e Nino.

Ali e Nino é um romance publicado com o nome de Kurban Said em Viena, 1937. O livro foi publicado originalmente em língua alemã e a história fala sobre o relacionamento de um jovem azerbaijano nobre e uma princesa georgiana.

O grande amor entre Ali e Nino é o enredo principal do livro, cujo texto, no entanto, transcende o escopo de um romance. Lida em perspectiva mais ampla e sem recorrer a estereótipos, a história conduz o leitor a uma visita fascinante ao Cáucaso, com suas paixões, guerras e revoluções, honra e

desgraça, montanhas, desertos e cidades como Baku (PINTO, 2009)⁷.

O debate sobre a autoria do livro é polêmico e pode permanecer para sempre um mistério. O pseudônimo Kurban disse supostamente pertencia a austríaca Elfriede Baroness Ehrenfels que registrou o romance com as autoridades alemãs, no entanto, evidências de seu envolvimento na escrita do romance ainda não foram comprovadas.

Por outro lado, uma pesquisa recente sugere que a parte central do romance foi escrito pelo escritor e estadista do Azerbaijão Yusif Vazir Chamanzaminli. A suposta participação de Vazir na escrita de Ali e Nino é fundamentada em suas experiências de vida e suas obras, incluindo os seus diários, artigos, contos e romances que estão arquivadas no Instituto Manuscrito em Baku.

Além disso, como dito por Van der Leeuw (1998), tradição de miniaturas de pinturas também foram importantes no século XIX, enquanto o século XX foi marcado por exemplos de realismo social

⁷ Fragmento retirado do artigo “Azerbaijão – a geopolítica do romance de Ali e Nino” publicado no blog científico “MundoRama” – Centro de Estudos sobre as Relações Internacionais do Brasil Contemporâneo do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília – iREL-UnB.

soviético. Entre os pintores amplamente reconhecidos, Sattar Bakhulzade trabalhou principalmente com paisagens de uma maneira que lembra Van Gogh. Tahir Salakhov possui trabalhos em estilos ocidentais e com referências soviéticas e Togrul Narimanbekov fez uso de figuras de contos tradicionais folclóricos azeris representadas em cores muito ricas.

Diante da diversidade reunida no país, a reconstrução histórica, o aperfeiçoamento artístico e a preservação cultural, o Azerbaijão possui um papel importante para a compreensão histórica, social, política e econômica do mundo.

A nação azeri é recheada de riquezas que absorveu de sua história um conteúdo artístico e cultural de outros países – como as artes populares, a música, a dança, a literatura e outros, aliando manifestações da sua própria cultura a outras, e que no conjunto definiram uma identidade plural e significativa para esse povo.

O seu crescimento impulsionou uma nova consciência que hoje se revela para o mundo. Nesse sentido, essa realidade merece um espaço para ser retratada e compartilhada no cenário jornalístico. Devido à demanda histórica do Azerbaijão, é necessária uma plataforma ampla para abordar esse

conteúdo. O jornalismo possui diversas possibilidades de veicular informação de acordo com o assunto, espaço e tempo. Portanto, para um material intenso como o relato sobre a experiência de um brasileiro na Terra do Fogo no formato de diário com embasamento em jornalismo literário, o livro-reportagem é um veículo alternativo que proporciona o espaço necessário para o aprofundamento histórico e empírico deste trabalho.

Em se tratando de literatura, o inexpressivo pode ser um estilo. Em jornalismo, ser expressivo é mais do que uma exigência: um imperativo. Por isso, o jornalismo não pode viver sem a consciência da literatura. É no exercício prosaico que se aprende a matemática da expressão (GALENO; CASTRO, 2002, p. 50).

A partir dos ensinamentos do autor acima, busca-se retratar uma visão ampla da realidade num país asiático como o Azerbaijão, contando a trajetória de duas semanas neste país sob o ângulo de visão de um pesquisador-observador.

2 RELATOS E DETALHES: O APROFUNDAMENTO DO LIVRO- REPORTAGEM

É jornalismo. Mas não o jornalismo usual, predominante, esse em que o repórter, em nome da imprescindível busca da objetividade, se sente desobrigado de servir ao leitor mais que uma pilha de informações descarnadas - como se fosse isso a realidade. Como se a informação devesse ser, goela abaixo do leitor, uma espécie de pílula para astronauta, que nutre sem a obrigação de ser palatável. Como se, provindos da mesma raiz latina, *saber* e *sabor* não pudessem andar juntos (WERNECK, 2004, p. 524) .

As demandas midiáticas crescem a todo o momento e as redações exigem cada vez mais a rapidez na produção de matérias, agilidade na apuração de textos, ênfase nas pautas quentes, nos fatos que precisam ser noticiados imediatamente e de maneira genérica. A partir disso, a oportunidade de trabalhar com uma pauta fria e poder humanizar uma reportagem está ficando escassa no cenário jornalístico diário.

É possível identificar claramente que o jornalismo convencional estagnou-se de tal maneira que, as redações, muitas vezes, não saem da zona de conforto ou das suas limitações técnico-financeiras e acabam publicando textos num padrão que vem sendo conservado e que talvez não seja mais eficaz como há alguns anos – como matérias genéricas, poucas fontes entrevistadas e conseqüentemente pouca atenção às histórias. Nesse sentido, o leitor espera pelo jornalismo de qualidade e não apenas infinitas matérias que não são aprofundadas e apuradas como deveriam ou mereceriam ser.

Na medida em que certos temas importantes não têm nos veículos convencionais a guarida que merecem, na medida em que os profissionais mais criativos e mais inquietos sentem-se tolhidos no seu potencial, por causa do esquema rigidamente industrial com que se produz o jornalismo atual, a alternativa é a elaboração da grande reportagem na forma de livro (LIMA, 1998, p.12).

Nesse contexto, pensa-se num jornalismo mais “inteiro” tanto por parte do autor, como por parte do veículo que pode proporcionar mais disponibilidade

e espaço para produção de textos mais completos. Portanto, este capítulo tem como objetivo explorar as possibilidades do livro-reportagem no cenário do jornalismo literário.

2.1 LIVRO-REPORTAGEM, CONCEITO E CARACTERÍSTICAS

Para contar a história de uma experiência na Ásia utilizando de recursos textuais literários, compartilhar fotografias dos lugares e detalhar minuciosamente os acontecimentos no Azerbaijão é necessário um formato capaz de proporcionar espaço para todo este conteúdo. Além disso, uma plataforma que possibilite uma liberdade de escrita e fuja do *lead* tradicional e do jornalismo convencional.

A produção deste trabalho segue os critérios jornalísticos desde a pesquisa aprofundada sobre o tema escolhido, a apuração das informações, a seleção de fotografias e a elaboração de um material que permita ao leitor mergulhar no conteúdo disposto e consiga viajar ao Azerbaijão através do relato literário veiculado a um livro-reportagem.

A partir dessa demanda, o livro-reportagem é o veículo de comunicação mais pertinente para o desenvolvimento deste trabalho, pois permite um

aprofundamento maior nas histórias da viagem e proporciona um espaço amplo para o detalhamento nas descrições do diário.

Nesse sentido, outros meios de comunicação – como jornais, revistas, rádio e outros – possuem limitações de tempo e/ou de espaço e são incompatíveis com o formato da informação que será transmitida para o receptor. Ou seja, um texto detalhado é inapropriado para um jornal que busca publicar textos factuais e matérias quentes. A falta de uma explicação aprofundada contribui para a desinformação nesses meios. Por outro lado, este fato tem tendência a não ocorrer no livro-reportagem, pois possui espaço e tempo suficiente para a narração de um fato, sua origem e seu desfecho.

Belo (2006, p. 25-26) explica: “Por volta de 1830, as reportagens dos jornais populares dos americanos passaram a adotar o estilo de narrativa em detalhes e romanceada. Nem todos os detalhes eram reais. Havia um “esforço” para adaptar as histórias a um modelo mais atrativo à leitura”. A partir disso, o livro-reportagem se encaixa nessa ideia de *narrativa em detalhes*, que consiste em uma das características do produto final.

Continuando neste contexto, Belo (2006, p. 41) ensina que o livro-reportagem: “É o veículo no

qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto (...) em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa”.

Lima (1998, p. 16) vai ao encontro de Belo (2006) ao afirmar que este formato serve “para estender o papel do jornalismo contemporâneo, fazendo avançar as baterias de explicações para além do terreno onde estaciona a grande reportagem na imprensa convencional”.

Para a produção de conteúdo com um aprofundamento na narração de histórias, a entrevista é algo de suma importância para a elaboração de um livro-reportagem, já que é um dos essenciais instrumentos de captação de informação.

(...) a entrevista passou a ser praticada como arte, na medida em que o entrevistador procura ter mais sensibilidade para conduzi-la e se prepara melhor para sua execução. A troca de idéias e de informações (...) ganhou, de parte da contemporaneidade jornalística, contornos modernos que procuram adequar a entrevista às novas mídias (CRIPA, 1998, p. 8).

Um trabalho importante a ser citado para maior compreensão nessa conjuntura é a contribuição de Cremilda Medina com o livro “Entrevista: O Diálogo Possível” que aborda sobre a relação entre a fonte, o repórter e o receptor e que nesta dinâmica resultam num diálogo interativo entre as partes. A partir disso, o receptor da notícia consegue identificar e sentir a autenticidade e emoção naquele texto, pois, de acordo com a autora, esta comunicação entre a fonte, o repórter e o receptor torna o jornalismo mais humanizado, mais real. Medina (2008) acredita que o envolvimento emocional entre a narrativa e o sujeito-sujeito aparecem como uma nova possibilidade de representatividade da atualidade.

A entrevista nada mais é que a técnica jornalística e técnica das Ciências Humanas em que se obtêm informações através de diálogo entre entrevistado e entrevistador — este, na comunicação coletiva e no jornalismo, conhecido como repórter. O entrevistado também, tecnicamente, pode ser denominado fonte de informação (MEDINA, 2008, p. 84).

As contribuições da autora Cremilda Medina são compatíveis às expectativas deste trabalho, que a

todo o momento tenta explorar uma narrativa o mais próxima possível com as fontes, aos acontecimentos e à própria cultura azeri de forma geral. Além das contextualizações históricas⁸, os diálogos serão sustentados pela escrita literária que irão possibilitar que tal envolvimento entre o jornalista e o entrevistados sejam enfatizados no livro-reportagem.

2.2 O JORNALISMO LITERÁRIO NO CENÁRIO JORNALÍSTICO

Para Carta (2003, p.39): “Escrever na primeira pessoa não é – ou não deveria ser – um ato de vaidade: é, muitas vezes, a única maneira de escrever para escapar das garras do jornalismo que não toma partido”.

Uma das modalidades que consegue unir a notícia à elementos literários é o jornalismo literário que possibilita maior qualidade textual aos trabalhos – ênfase em todos os eixos do texto, como entrevista em profundidade, detalhes da história e narrativa interessante aos leitores. Essas possibilidades da

⁸ Devido a estrutura de diário do livro-reportagem, os capítulos serão contextualizados historicamente de acordo com os locais visitados durante a vivência no Azerbaijão.

junção entre os cenários jornalísticos e literários iniciaram há muito tempo.

O jornalismo literário passou a se manifestar aproximadamente no século XVIII, com as contribuições dos autores como Henry Fielding – escritor inglês que explorava satíricas e foi bastante reconhecido por seu livro *The History of Tom Jones, a Foundling* e Daniel Defoe – jornalista inglês autor do livro de grande sucesso *Robinson Crusoe*. Além disso, Defoe publicou em 1722 o “Diário do Ano da Peste”, um livro que descreve detalhadamente a epidemia de peste bubônica que, segundo Daniel, matou cerca de 100 mil pessoas na Inglaterra. A partir deste primeiro passo de uma nova narrativa, a aparição de obras literárias foram crescendo e se aperfeiçoando ao longo dos anos como ressaltado por Guerra (2010).

Nas décadas de 1950 e 1960, surgiu o *New Journalism*⁹. Tom Wolfe iniciou o movimento quando percebeu que não fazia mais tanto sentido as regras de objetividade que ditavam – e, infelizmente ainda

⁹ O *New Journalism (NJ)* é um gênero jornalístico que surgiu nos Estados Unidos na década de 60. O *NJ* pode ser classificado como romance de não-ficção pois a sua principal característica é juntar a narrativa jornalística numa perspectiva literária. Nomes como Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer e Truman Capote iniciaram o movimento na época.

ditam em muitas redações – como deve ser feito o jornalismo¹⁰.

Na época, o *NJ* levantou a bandeira de uma maior liberdade no trato da informação com o uso da subjetividade, metáforas, interjeições, e outros recursos narrativos. “A investigação séria, aquela que cavuca até o fundo, independentemente dos tipos de laços com as fontes, é um pilar do new journalism” (CARTA, 2003, p. 41).

Nesse contexto, é possível perceber que a utilização de técnicas literárias no meio jornalístico já acontece há bastante tempo. No Brasil um dos primeiros escritores iniciou este trabalho, como Machado de Assis que trabalhou no jornal carioca *Gazeta de Notícias* e publicava crônicas sobre assuntos em pauta na época. De acordo com Sodré (1977, p.290), as obras de Assis seriam uma “constante e cerrada busca da verdade”. Além das contribuições desse autor, muitos outros escritores ingressaram no cenário jornalístico com a produção de crônicas e grandes reportagens – conteúdos que

¹⁰ É possível fazer um rápido parêntese ao ensino de jornalismo atual que é reflexo nas redações que tendem a produzir matérias objetivas e pobres de informações. As universidades ainda batem na tecla da objetividade, do lead no primeiro parágrafo, de ouvir sempre apenas os dois lados da história, do padrão jornalístico conservador cheio de regras antigas que certamente hoje podem ter se tornado defasadas.

uniam os fatos reais com uma linguagem um pouco mais subjetiva, ultrapassando os limites do jornalismo convencional.

No Brasil, o Jornalismo Literário também é classificado de diferentes maneiras. Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da história

do Jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século

XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculadas em jornais.

Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como

New Journalism, iniciado nas redações americanas da década de 1960. E

também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção jornalística (PENA, 2006, p. 21).

Autores como Euclides da Cunha é referência no país quando o assunto é Jornalismo Literário. A partir da obra “Os Sertões”, relato sobre a Guerra de Canudos que aconteceu de 1893 a 1897, foram

construídas reportagens que foram publicadas em veículos jornalísticos da época. Inclusive, um fato interessante a ser ressaltado no debate deste tema é o apontamento de Santos (2004), que conta que os primeiros jornalistas do Brasil eram escritores. De acordo com o autor, “como já não havia mais uma aristocracia tão disposta a assegurar a sobrevivência dos intelectuais, esses se viam compulsoriamente arrastados para o jornalismo, o funcionalismo ou a política”.

Retornando ao *NJ*, o autor Vilas Boas (2002) aponta que as quatro principais técnicas utilizadas pelo Novo Jornalismo são: a construção cena-a-cena, o uso de diálogos, a alternância do foco narrativo e a reconstituição minuciosa.

Pela perspectiva de outro autor, Cosson (2002) exemplifica as características de ambos os gêneros e modalidades:

O jornalismo é o império dos fatos, a literatura é o jardim da imaginação. Na metáfora do império estão contidas as idéias de força, domínio e amplidão de territórios , que contrastam com a fragilidade e a sacralidade da arte de cultivar as flores da linguagem no jardim da imaginação (COSSON, 2002, p.58).

Há diversos autores que nomeiam e caracterizam o JL¹¹ de diferentes maneiras de acordo com suas respectivas visões deste cenário. As características do jornalismo literário são nomeadas como “estrela de sete pontas” – as sete vertentes que formam a produção literária no campo jornalístico ainda por Felipe Pena (2008, p. 13):

Potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2008, p.13).

Segundo Pena (2008), a ponta da estrela é “potencializar os recursos do jornalismo”, podem-se constituir novas estratégias profissionais. Na segunda proposta pelo autor, “ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano”: ressalta ultrapassar os limites do tempo. A terceira característica, “proporcionar uma visão ampla da realidade”, é

¹¹ Jornalismo Literário

contextualizar a informação da forma mais abrangente possível. A quarta, “exercer a cidadania”, afirma que é dever do jornalista o compromisso com a sociedade. A quinta ponta da estrela é “romper com as correntes do lead” e, finalmente a sexta: “evitar os definidores primários”. E a última, “perenidade”.

Inclusive, pode-se dizer que o jornalismo e a literatura são uma experiência híbrida pelo fato de possuírem relações muito próximas e se desenvolveram de forma paralela ao longo dos anos. Esta aproximação faz com que o jornalismo convencional e jornalismo literário tenham certas semelhanças, como afirma Vilas Boas (2002, p.15): “(...) a narrativa biográfica intercambia metodologia e saberes distintos em sua práxis. Ela é um constructo simbólico, híbrida por natureza”.

Lima (1969) explica melhor sobre a possível experiência híbrida entre os gêneros – jornalismo e literatura. Nesse sentido, Lima defende a ideia de que o jornalismo é um gênero literário:

O gênero literário, portanto, em vez de ser como queriam os antigos, um tipo de construção estética determinado por um conjunto de normas objetivas a que toda composição deve obedecer – é um tipo em

construção estética determinada por um conjunto de disposições interiores em que se distribuem as obras segundo as suas afinidades intrínsecas e extrínsecas. Nessa concepção flexível e não rígida de gênero literário é que podemos incluir o jornalismo (LIMA, 1969, p.18).

O gênero jornalismo literário consegue resgatar uma história, seus gestos, suas emoções, valorizar os detalhes e as experiências adquiridas pelo narrador porque possibilita a junção da veracidade do jornalismo e a subjetividade da literatura.

Acredita-se que o jornalismo literário é uma das maneiras de levar a informação mais completa – em comparação ao jornalismo convencional – ao leitor, isto é, ter ferramentas para transmitir uma experiência, um lugar ou até mesmo descrever o comportamento de uma fonte, como foi narrada àquela história com detalhes da entonação da voz, do olhar, dos gestos, entre outros.

O Jornalismo Literário proposto é uma ferramenta importante para a sustentação do livro-reportagem, o qual foi escolhido como objeto de trabalho por ir além do que uma simples notícia e ser

mais abrangente que uma grande reportagem, conforme Lima (1998, p.16). O narrador é onisciente, isto é, o livro-reportagem é escrito em primeira pessoa, vivenciando experiências durante as entrevistas e transmitindo as sensações e aprendizados no decorrer da narrativa. Assim como afirma Coimbra (1993), acredita-se que a percepção visual do jornalista no decorrer da apuração é fundamental para a construção do texto. Por isso, a utilização de um jornalista como narrador fornece ao leitor, por meio de fragmentos descritivos, o conhecimento adquirido pelo próprio narrador, o jornalista. Este rompimento com a linearidade do pensamento do entrevistado, intercalando comentários a características físicas e psicológicas que acompanha a sua fala, retarda o ritmo da narração com seu desfecho.

As técnicas¹² do jornalismo literário permitem descrever e aproximar os personagens à realidade daqueles que lêem o livro, despertando a empatia. Outro ponto que se faz possível pela escrita literária

¹²As técnicas do jornalismo literário consistem na descrição profunda das histórias como as características da fonte, do lugar, do espaço, do clima, enfim, do cenário como um todo. Além disso, “humanizar” um texto de forma que aproxime o leitor do conteúdo, como também explorar a história dos personagens na construção da narrativa e dos diálogos.

do livro-reportagem é a possibilidade de alcançar leitores que busquem entretenimento atrelado ao conhecimento.

Nesse sentido, as técnicas textuais literárias serão implementadas na construção do livro-reportagem e a narrativa será em primeira pessoa pelo fato da experiência ter sido vivida pelo autor que é identificado como observador-participante. A utilização da linguagem em primeira pessoa possibilita maior proximidade entre o autor e o leitor, que relata com todos os detalhes da vivência e transmite maior realidade nas palavras. Essas afirmações são intensificadas pela citação “A única maneira de retratar fielmente uma cena é ser parte dela” (THOMPSON, apud BARCINSKI, 1999). Isto é, o uso da primeira pessoa imprime maior legitimidade e potencializa a abordagem de uma história. É a verdade através dos olhos de um autor, que escreve a história como um personagem.

3. O PRODUTO

3.1 PLANEJAMENTO GRÁFICO

3.1.1 Tipografia:

Fonte: Adobe Garamond Pro

Tamanho: 12 (corpo do texto) – 14 (subtítulo) – 16 (título)

Entrelinhas: 1,5

3.1.2 Cores

Fonte: Preto

Fundo: Branco

3.1.3 Formato

Formato 10

Tamanho do papel: 22 X 26 cm

Mancha de impressão: 21 X 25 cm

3.1.4 Papel

Couchê fosco

Gramatura: 90

3.1.5 Acabamento

Brochura – Capa dura

3.1.6 Elementos visuais

03 fotografias médias em cada capítulo. Total de 36 fotos;

01 página espelhada com uma fotografia no intervalo de cada capítulo. Total de 12 fotos;

01 ícone de localização (alfinete do GPS) no título de cada capítulo – intercalando nas cores azul, verde e vermelha a cada capítulo.

02 ilustrações¹³

3.1.7 Capa

Ilustrativa

Arte: Douglas Gonçalves

3.1.8 Diagramação

Daniela Moreira

Fernando Ringel

¹³ Serão utilizadas duas ilustrações no intervalo de dois capítulos a fim de complementar as fotografias e dar originalidade ao trabalho, como a figura de pontos turístico sob o olhar do observador-participante.

3.2 PLANEJAMENTO EDITORIAL

3.2.1 Público alvo

- Comunidade acadêmica, principalmente alunos do curso de Jornalismo, para que possam ter contato com o jornalismo literário e a estrutura do livro-reportagem.
- Mídia local, regional, nacional e internacional para que possam ter acesso e ajudem a divulgar informações acerca do Azerbaijão.
- Embaixada do Azerbaijão para que tenha conhecimento do trabalho desenvolvido na Unidade de Frutal.

3.2.2 Gênero

Jornalismo Literário

3.2.3 Veículo

Livro-reportagem

3.2.3 Conteúdo

O livro foi produzido em formato de diário a partir das experiências no Azerbaijão contextualizadas historicamente.

3.3 ORÇAMENTO

Diagramação: R\$500,00 (quinhentos reais)

Impressão R\$ 665,00 (seiscentos e sessenta e cinco reais)

3.4 TIRAGEM

5 exemplares

3.5 METODOLOGIA

Os dados foram coletados por meio de visitas em pontos turísticos, igrejas, sinagogas, mesquitas, templos, museus e lugares tradicionais do Azerbaijão. As fontes primárias consistem em documentos e publicações oficiais e como fontes secundárias os diálogos com os azerbaijaneses durante a viagem, entrevistas, material da Embaixada do Azerbaijão no Brasil e outros.

Os estudos etnográficos caracterizam-se, primeiramente, pelo envolvimento do pesquisador no ambiente natural da pesquisa, exigindo uma observação e uma interpretação holística dos dados coletados, ou seja, no

âmbito da totalidade das ações humanas. Os dados coletados podem ser em forma de narrativas ou história de vida, mas sem jamais perder o ponto chave da etnografia que é descrição densa e contextualizada do fenômeno pesquisado (SILVA et al., 2010, p.)

Durante o período de estadia no Azerbaijão, as informações também foram coletadas por meio da observação participante, pois houve interação com o grupo cultural azeri.

A observação participante não é propriamente um método, mas sim um estilo pessoal adotado por pesquisadores em campo de pesquisa que, depois de aceitos pela comunidade estudada, são capazes de usar uma variedade de técnicas de coleta de dados para saber sobre as pessoas e seu modo de vida (ANGROSINO, 2009, p. 34).

O conteúdo é disposto no livro-reportagem em ordem cronológica, como a estruturação de um diário que relata diariamente os acontecimentos de uma experiência azeri de duas semanas em quinze capítulos, reafirmando a posição de observador

participante na pesquisa. Nesse contexto, é abordada a integração com as delegações de outros países, os eventos organizados pelo Ministério do Esporte e Juventude do Azerbaijão, a recepção, as impressões de um país asiático, as barreiras linguísticas de comunicação – a língua inglesa, a língua azerbaijanesa e a língua portuguesa, os costumes, e todas as outras situações que ocorreram durante o intercâmbio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Comunicação Social está, de certa forma, moldando-se de acordo com as novas demandas comunicacionais e tecnologias que estão sendo inseridas à sociedade moderna. No entanto, percebe-se que muitos jornalistas insistem em manter velhas técnicas para produzir um texto.

Desde a época do telégrafo, a produção jornalística recorreu à técnica da pirâmide invertida, na qual as informações mais importantes estão no início da matéria. Este modelo tradicional é mantido nos dias atuais. Muitos jornalistas ainda persistem em permanecer na zona de conforto e resistir às novas ideias e inovações para a construção da narrativa jornalísticas. Não se defende aqui, a extinção desta técnica, mas o olhar atento e a iniciativa em escrever além de algo já formatado.

Atualmente existem alguns portais de notícias que ainda batem na tecla do “conservadorismo jornalístico”, como por exemplo, jornais que oferecem assinatura digital com acesso à tablets e smartphones, mas disponibilizam simplesmente o mesmo conteúdo que alimentam o site ou até mesmo o jornal. A produção de conteúdo não é convertida de

acordo com o veículo, é apenas transcrita. Para ingressar nessa discussão mais a fundo do conteúdo disponível nesses portais, é possível verificarmos a qualidade de textos publicados que ainda utilizam de métodos defasados para se fazer jornalismo. Não há produções diferentes das usuais.

A partir disso, pode-se compreender de maneira mais ampla a crise que o jornalismo se encontra neste momento: os jornalistas solicitam mais reconhecimento em relação à profissão e a produção de conteúdo, mas tendem a continuar escrevendo matérias genéricas, pouco aprofundadas e nada inovadoras. Do outro lado da história, o leitor espera por um conteúdo de qualidade e com aprofundamento necessário para determinadas pautas, mas poucas vezes é correspondido.

Nesse sentido, após uma breve reflexão do jornalismo atual, este trabalho de conclusão de curso teve como princípio fugir da pirâmide invertida, a fim de explorar o cenário literário no campo jornalístico.

A utilização do jornalismo literário nesse contexto foi uma ferramenta importante para potencializar as informações que estão dispostas no livro-reportagem – escrito no formato de diário. O Azerbaijão é o assunto central que possibilita a

junção da notícia, da literatura e, – se visualizarmos por um eixo mais ousado – do entretenimento. Um livro-reportagem que certamente terá muitas histórias para contar e transportar os leitores ao Cáucaso através de páginas repletas de detalhes e relatos.

O livro-reportagem é inspirado na obra “O diário de Bagdá” de Sérgio Dávilla que conta a trajetória de dois jornalistas brasileiros que fizeram a cobertura jornalística da guerra de Bagdá. Portanto, de acordo com o suporte literário utilizado no livro, é explorado um relato minucioso e independente sobre as experiências no Azerbaijão de maneira cronológica. Devido à responsabilidade de ser o primeiro livro-reportagem em língua portuguesa que aborda o Azerbaijão, as vivências contadas no livro são contextualizadas com a história, arte e cultura do país caucasiano – intuito de mesclar fatos, informações e conhecimento em uma única plataforma.

Em suma, a produção deste trabalho fortifica os laços de amizade entre o Brasil e o Azerbaijão – ambos países potenciais em pluralidade cultural – além do intercâmbio de conhecimentos entre os países que, nessa conjuntura, proporcionará aos leitores um contato interessante com a realidade azerbaijanesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Carlos Magno. Amor à palavra. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2005. P. 93-97.

BARREIROS, Tomás. **Jornalismo e construção da realidade: análise de O mez da gripe como paródia crítica do jornalismo**. Curitiba: Pós-Escrito, 2003.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BOLUKBASI, Suha. **Azerbaijan: A Political History**. Reino Unido, 2013.

BOYNTON, Henry (2010) *Journalism and Literature*. Nova Iorque, Houghton Mifflin.

GALENO, Alex. Palavras que tecem e livros que ensinam a dançar. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2005. P. 99-108.

GOLTZ, Thomas. **Azerbaijan Diary**. Nova Iorque, 1998.

GUERRA, F. Rogério (2010) **Epônimos e o consórcio intelectual entre ciência e literatura**. Florianópolis.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MAHMUDLU, Yagub. **Azerbaijan: Short history of statehood**. Islamabad, Paquistão, 2005.

MEDINA, Cremilda (2008). **Entrevista – O diálogo possível**. São Paulo: Ática

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, Paulo Antônio. **Azerbaijão – a geopolítica do romance de Ali e Nino**. 2009. Disponível em: <<http://mundorama.net/2009/11/06/azerbajiao-a-geopolitica-do-romance-de-ali-e-nino-por-paulo-antonio-pereira-pinto/>>. Acesso em 05/05/2015.

PINTO, Paulo Antônio. **Azerbaijão – de antiguidade das sedas e esquina do mundo**. 2009. Disponível em: <<http://mundorama.net/2009/08/24/azerbajiao-de-antiguidade-das-sedas-e-esquina-do-mundo-por-paulo-antonio-pereira-pinto/>>. Acesso em 10/04/2015.

PINTO, Paulo Antônio. **Azerbaijão: a esquina de Dede Korkut na Rota das Sedas**. 2009. Disponível em: <<http://mundorama.net/2009/09/29/azerbajiao-a->

esquina-de-dede-korkut-na-rota-das-sedas-por-paulo-antonio-pereira-pinto>. Acesso em 05/05/2015

PINTO, Paulo Antônio. **Azerbaijão e Geórgia – assombrações soviéticas**. 2010. Disponível em: < <http://mundorama.net/2010/02/22/azerbajao-e-georgia-assombracoes-sovieticas-por-paulo-antonio-pereira-pinto/>>. Acesso em 05/05/2015.

ROCHA, R.; MELLO, L.; JACKS, N. **A Pesquisa Empírica em Comunicação através do Levantamento de dados e secundários**. Córdoba, Argentina, COMPANAM 2013, VI Encuentro Panamericano de Comunicación.

SILVA, Juremir Machado. **O que escrever quer calar?: Literatura e Jornalismo**. In CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: A sedução da palavra**. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005

SILVA, M.; OLIVEIRA, S.; PEREIRA, V.; LIMA, M. G. **Etnografia e Pesquisa Qualitativa: Apontamentos sobre um caminho metodológico de investigação**, UFPI

SWIETOCHOWSKI, Tadeusz. **Russian Azerbaijan, 1905-1920: The Shaping of National Identity in a Muslim Community**. Cambridge, Reino Unido, 1985.

VAN DER LEEUW, Charles. Azerbaijan: A Quest for Identity. Nova Iorque, 1998.

SATTAROV, Rufat. Islam, State, and Society in Independent Azerbaijan: Between Historical Legacy and Post-Soviet Reality. Alemanha, 2009.